

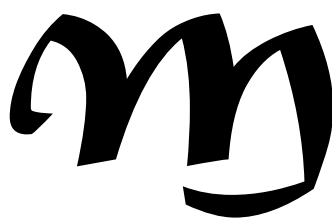
A Saga de

# Mitrax

# A Maior das Aventuras de Milo, o Sineiro

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo



uitas histórias já foram contadas da

época da Grande Rainha de Copas. Histórias de príncipes, plebeus comuns e criaturas fantásticas. Contudo, nenhuma história é tão peculiar quanto aquelas que se referem ao inusitado sineiro de Marmórea. E, talvez, nenhuma das histórias do afamado Milo, o sineiro, seja tão peculiar quanto esta.

Milo, o sineiro, foi peculiar desde que nasceu. Dizem que ele foi deixado na porta de uma família de agricultores, quando bebê, mas que, antes que completasse o seu primeiro ano de idade, ele foi dado a uma donna de Lumerae para ser criado. O agricultor, pessoalmente, o entregou à donna, estendendo o bebê na direção da servidora dos magos, tendo a cabeça toda enfaixada, pois não agüentava mais levar pauladas com objetos que o bebê apanhava.

E, Milo, então, cresceu no alto do Monte, brincando com as outras crianças do lugar. Contudo, diziam que ele era meio retardado e tinha dificuldade em aprender. Assim, era sempre preterido nas brincadeiras, sendo deixado de lado ou alvo de chacotas. Mas ele estava sempre contente. Não se sabe se ignorava ou se não entendia as piadas de que era alvo. A tia Fifi, mais tarde, teria uma explicação para as suas admiráveis habilidades:

-Ah, coitadinho! Acho que bateu a cabeça quando era criança!

Mas, quando ele fez dezessete anos, foi doado novamente. A Senhora Alnilan, a Grã-Sacerdotisa de Lumerae, já não agüentava mais algumas de suas manias. Bem, não era um número infinito de manias, mas elencá-las também não é uma tarefa muito fácil. Eis algumas: Vivía caindo do penhasco; distraído, ficava próximo da traseira dos cavalos e era escoiceado; quebrava muita louça; incendiou a biblioteca (duas vezes); guardava as coisas nos lugares errados; tinha mania de sumir com o cajado de diamante para limpar e depois se esquecia onde o tinha deixado (essa a mais grave de todas); juntou 273 gatos durante a sua estadia em

Lumerae; derrubou a torre leste do hotel; se perdeu 17 vezes nos vilarejos ao redor do monte, sendo que, na última vez, retornou com um jacaré; derrubou pimenta na massa da padaria quando foi designado a ajudar o padeiro e deixou um bode louco. Isso para não citar as atrapalhadas menores.

Então, o jeito foi Aldebaran levá-lo para a capital e a melhor idéia que o mago pôde ter foi a de designá-lo para a torre do sino, pois o antigo idoso sineiro havia falecido. A idéia era que ele teria que morar na torre e, assim, estaria o mais afastado possível de encrencas. Bem, pelo menos Aldebaran pensou assim, sem perceber ainda o seu ledo engano.

E muitas histórias também podem ser narradas a respeito de Milo na torre do sino, como aquela em que ele, distraído, deixou o sino bater nas suas costas e caiu da torre, vindo a ficar espetado numa das pontas do teto do castelo ou quando ele se atrapalhou com as cordas e um bando de crianças o encontrou, dois dias depois, ainda pendurado em baixo do sino grande, todo embromado nas cordas, pois quanto mais se mexia mais se prendia, usando uma camisola e uma touca com pompom. É claro que as crianças caíram na gargalhada e não avisaram ninguém, mas Aldebaran notou que o sino há dias não era tocado e viu as crianças apontando para a torre e dando risada. Desconfiou e foi investigar, encontrando-o naquela posição humilhante.

Bem, o tocar o sino era uma coisa deprimente. Pelo menos para Aldebaran. O menino havia tomado gosto pela coisa e tocava. Como tocava. Tocava o sino toda hora, sob qualquer propósito. Ah, Tia Fifi se recuperou da gripe (ela vivia gripada) – então Milo puxava as cordas e tocava o sino. E tocava e tocava e tocava. Por horas. Ah, Theobaldo encontrou novamente o seu utubrac perdido. E Milo tocava, tocava, tocava. Ah, não sei quem veio visitar a rainha. E dá-lhe o sino a tocar.

Os aposentos de Aldebaran ficavam perto da torre do sino. Mas, mesmo se não ficassem, a torre ficava numa região relativamente alta de Marmórea e o som descia que nem uma beleza. E aquele som todo, a toda hora, estava deixando o mago maluco. Então, o jeito foi o primeiro ministro designar o sineiro para missões. Não eram missões importantes ou nada que o valha, mas isso mantinha o sineiro afastado da capital e dava um pouco de paz ao atarefado Aldebaran. E as missões preferidas deste era a entrega de mensagens, pois isso obrigava o rapaz a viajar e ficar vários dias ausente, sendo que Milo invariavelmente se perdia, prolongando a sua estadia em outras paragens. E esta é a história de uma dessas missões.

Um belo dia do afamado ano de 1075 da Era dos Grandes Reis e Rainhas, Aldebaran mandou chamá-lo. Mostrou-lhe um bilhete e mandou que fosse entregue na cidadela de Lumerae com urgência. Disse que era muito importante. Mas o mago era esperto e entregou o bilhete aberto. Mesmo assim, duvidando que ele o lesse, ordenou que o fizesse bem ali, a sua frente. O rapaz leu:

--“Preciso de análises de dimensionalidade dos dados de terremotos e erupções das Montanhas de Fogo dos últimos dez anos”.

Qualquer mago Lumeraeano saberia o que significava aquilo, mas era claro que Milo não tinha a mínima idéia do que a mensagem queria dizer.

-Decore-a! – ordenou o mago, acrescentando que ele provavelmente perderia o papel.

E foi assim que Milo iniciou uma de suas maiores aventuras, pois, contrariando todas as expectativas do mago, ele gastou dois meses para entregar a mensagem, sendo que, normalmente, pode-se viajar de Marmórea à cidadela de Lumerae em poucos dias.

A demora começou com a decisão sobre que trajes vestir. Simplesmente não conseguia se decidir. Depois de experimentar todas as roupas que tinha, acabou por se decidir por um traje de gala, pois deveria entregar a mensagem para a Senhora Mintaka e deveria se apresentar à sua altura. O traje consistia numa camisa de cetim pérola, uma jaqueta de couro preta sem mangas e aberta na frente, com corte curvo, uma meia calça branca e uma calça que - como descrevê-la? – era afogada e curta, como a dos antigos menestréis. Além disso, tinha o seu chapéu, que era verde e tinha um bico na frente e uma pena amarela do lado.

Contudo, ele perdeu tanto tempo escolhendo a roupa que perdeu a condução do dia para a Cidade do Porto. Restava ir no dia seguinte, mas a dúvida era: permaneceria vestido ou tiraria aquela roupa, depois do trabalhão que deu para se arrumar? Então, demorou cerca de duas horas para se decidir, ponderando os prós e os contras, e depois optou por ficar com a roupa, pois não queria correr o risco de perder a primeira carroça que partia na manhã seguinte. Mas agora havia um outro problema: como poderia dormir sem amarrotar a roupa? Assim, pensou por mais duas horas, andando de um lado para o outro e, balanceando os vários pontos a se considerar, optou por não dormir. E nem se sentou tão pouco. Ficou ali, no quarto, parado, pensando em sabe-se lá o que, até o Sol surgir.

Assim, ao raiar do dia, encaminhou-se para a feira próxima do Portão das Ondinas, de onde partiam as carroças para a cidade do porto. Embarcou na primeira que apareceu, que estava carregada de espigas de milho, sobre as quais sentou. A carroça partiu, mas Milo estava com muito sono e, assim, lutando com todas as forças para não fechar os olhos, no meio do caminho caiu no sono, roncando até o seu destino.

Quando chegaram ao cais da Cidade do Porto, o carroceiro precisava descarregar o milho. Ele olhou bem para Milo, que estava estatelado sobre o milho, com braços e pernas abertas e ainda roncando alto. Depois, tirou o chapéu, coçou a cabeça e não teve dúvidas: abriu a parte traseira da carroça e o milho caiu no chão, com Milo junto.

Este se levantou assustado, sem se lembrar de onde estava e, é claro, com a roupa toda amarrotada. Levantou-se de um pulo e passou a olhar de um lado para o outro, piscando. E demorou alguns segundos para se lembrar do que estava fazendo ali. Depois se recordou e se lembrou de outra coisa também:

-Puxa! – exclamou para si mesmo, botando ambas as mãos na cabeça. – Esqueci minha mala!

E agora? Voltar ou não voltar? Eis a questão. Havia arrumado a mala com tanto esmero! Ah, mas a viagem até o Monte Lumerae levaria poucos dias. Poderia ficar com a mesma roupa. Sim, poderia passar muito bem sem a mala. Mas... e as coisas que traria nela? Seu par de chinelas e seu ursinho de pano. Não conseguia dormir sem o seu ursinho de pano. Só se desmaiasse, como fizera na carroça. Mas, por outro lado, aquela missão devia ser importante. Já pensou se não levasse o recado e Brenor caísse nas mãos de Mitrax, isso seria o fim! Ou então, e se uma peste estivesse prestes a atacar o reino? Não, e se ela já tivesse atacado e ainda ninguém soubesse, estivesse encubada, só os magos? E, se não levasse aquele recado, a peste se espalharia e contaminaria todo mundo, transformando as pessoas em zumbis? Não, tinha que continuar! Seria difícil dormir sem o ursinho, mas fazer o que?

Então, corajosamente, Milo, o sineiro, ergueu os olhos e procurou o seu destino. Olhou toda a sua volta, girando trezentos e sessenta graus sobre si mesmo e quase caindo no movimento. Bem, estava no cais e havia um só navio naquela hora. Então, devia ser naquele. Bem, é claro que ele não se lembrou que perdera a carroça certa e estava ali no dia errado, mas isso não passou pela cabeça do rapaz naquele momento.

Era um grande galeão escuro e Milo devia ter desconfiado que um barco tão grande não rumaria para um lugar relativamente perto como Lumerae. Mas, na hora, ele não pensou nisso e foi logo subindo pela rampa estendida. É claro que todos estavam ocupados a bordo, pois o navio estava atrasado, e, então, ninguém prestou atenção ao sineiro. Marinheiros corriam de um lado para o outro, apressados, carregando malas. A única coisa que Milo fez ali, no convés, foi atrapalhá-los. Eles tinham que se desviar do sineiro pois, bem naquela hora, ele cismou em tirar a mensagem de Aldebaran do bolso para decorá-la. Assim, ficou andando de um lado para o outro, com o papel na mão, lendo e levantando a cabeça aos céus, repetindo as palavras em voz alta. Os marinheiros, já quase desesperados, tinham que se desviar dele, pois ele não via por onde andava e, por duas vezes, quase caiu no porão, por um alçapão aberto, sendo que, da última vez, um dos marinheiros o segurou pela jaqueta, senão a queda seria inevitável.

Bem, estava ventando e o que aconteceu em seguida não seria de todo inesperado, pois, Milo, o sineiro, não segurou o papel direito e ele saiu voando. O papel se elevou no ar e ficou rodopiando sobre o convés.

Quando percebeu o que tinha acontecido, pois, de repente, ele viu as palmas das mãos diante de si e nada do papel, colocou ambas as mãos pressionando as laterais da face, depois, colocou uma das mãos sobre a cabeça – na verdade sobre o gorro – e a outra na boca, depois, ambas as mãos na cabeça, olhando para o papel voando e escancarando a boca.

Depois, é claro, ele saiu correndo atrás do papel, mas tropeçou numa arca.

Quando se levantou, olhando para todo lado, ainda pôde ver o papel voando por cima da casa central do navio. Subiu correndo a escada que levava ao piso sobre a casa, a tempo de observar desesperado o papel caindo para o lado da proa.

Milo havia embarcado pelo lado da popa. Quando se debruçou sobre a amurada daquele piso, observou que a proa era bem mais baixa – dois andares abaixo de onde estava.

Lá, havia algumas mesas redondas, onde os passageiros mais destacados faziam as suas refeições ao ar livre. E, numa das mesas – a única que estava ocupada – estava uma distinta senhora, de uns cento e cinqüenta quilos, tomando o seu desjejum com o capitão da embarcação. Pois o papel foi pousar bem em cima dessa mesa. E é claro que Milo se inclinou demais no parapeito para vê-lo.

-Ora, capitão – disse a distinta senhora – esta é a mais bela embarcação do reino! Hi, hi!

O capitão sorriu, meio sem jeito. Cofiou o bigode imenso e já ia abrir a boca quando percebeu algo estranho atrás de si. Parecia que algo havia caído de cima, fazendo um barulho surdo sobre o convés.

O capitão imediatamente se virou na cadeira. Olhou para todo lado, mas nada viu. Então, a senhora viu o papel sobre a mesa. Apanhou-o e o desdobrou. Não o leu, mas imediatamente o fechou, acreditando ser um recado de amor. “Oh! Quem teria me mandado esse bilhete?”, pensou ela. Assim, guardou-o no generoso decote. Depois prestou atenção no que o capitão estava fazendo.

-O que foi? – indagou ela, rindo.

-Tive a impressão de que alguém caiu no convés! – disse ele, com um ar desconfiado.

-Ora, capitão! – respondeu a senhora. – Não estamos na época de chuva de gente!

O capitão achou graça da piada. Ao mesmo tempo, o sineiro se levantou cambaleante de trás de alguns barris amarrados ali perto, recolocando a boina na cabeça. Decidido, rumou reto para onde estava a senhora. Bem, pelo menos foi o que intentou, pois, ainda tonto, na verdade, caminhou em zigue-zague.

-Proponho, então, que brindemos à viagem! – exclamou o capitão, levantando sua xícara de chá.

Aquele papel tinha que ser recuperado. O futuro do reino poderia estar naquilo. Assim pensou Milo ao parar a um passo daquela mesa, ainda tentando se firmar no convés. Então, estufou o peito, criou coragem e disse, num tom menos imperioso do que ele esperava:

-Hã... hã... ah... oh... oi...

Ambos os ocupantes da mesa olharam para o rapaz. Ele também ficou alguns segundos olhando para os dois encontrando as palavras certas, mas, como demorasse muito, o experiente capitão indagou:

-Desejas alguma coisa, meu rapaz?

-Eu? – indagou Milo, quase sem querer. – Eu, bem... ora, eu... Quer dizer... Caiu um papel aqui, que me pertence e... isto é, pertence ao Senhor Aldebaran. E eu tenho que levá-lo a Lumerae e... E, eu... eu acho que a senhora o apanhou, e...

-Lumerae? – indagou o capitão, sorrindo da atrapalhão do sineiro. – Acho que estás no navio errado, rapaz. Este galeão está indo para Olmea.

Então Milo levou um choque. Ficou indeciso entre recuperar o papel e pensar no que faria para sair daquele navio e voltar na direção correta. Consequentemente, ficou parado, sem nada falar ou fazer, meio que paralisado, pálido e com uma cara de assombrado.

-O que foi rapaz? – acabou indagando o capitão. – Desembucha logo!

-Eu... há... meu papel... isto é, o do Sr. Aldebaran... ele... ele está ali...

E, atrapalhado, apontou para a senhora e, depois, desastradamente, fez um gesto, pois Milo vira onde a mulher escondera a sua mensagem. Um gesto que selaria o seu destino. Colocou ambas as mãos com as palmas voltadas ao próprio peito, mas, e isso é que foi grave, a uns trinta centímetros deste.

É claro que a senhora ficou indignada. Por isso, apanhou um prato vazio sobre a mesa e arrebitou-o na cabeça do sineiro. Ele se encolheu todo e, se não bastasse, o capitão se levantou, também indignado, e bradou:

-Petulante! Ponha-te fora deste navio!

Mas, obviamente, Milo não podia fazer isso, a menos que se jogasse no rio, pois já haviam zarpado. Em vez disso, ele se empertigou, bateu continência, e disse:

-Sim, senhor, capitão!

E saiu correndo.

Chegou novamente na popa desesperado. Não sabia mais o que fazer. Então, começou a andar de um lado para o outro com as mãos na cabeça, atrapalhando novamente os marinheiros. Ele já estava começando a ser xingado, quando uma mão forte o agarrou pela frente da camisa.

Não deu tempo para ver quem era. Foi muito rápido. Foi arrastado até a mureta e ficou com medo de ser jogado no mar, por isso agarrou firme o braço que o arrastava. Somente se deu conta de quem o estava carregando quando este aproximou o seu rosto mal barbeado e fedorento, quase encostando o seu nariz cheio de pelos na face do rapaz:

-Posso ajudar-te, sabias? – disse, com uma voz rouca.

Milo olhou bem para ele, piscando e tentando disfarçar o nojo, pois o homem parecia não tomar banho há anos. Além disso, os seus dentes estavam quase todos podres, com exceção de um ou dois de ouro.

-E... ein? – indagou o rapaz.

-O bilhete! Posso recuperá-lo! – disse o homem, como se gritasse; mas falou baixo, como se estivesse a esconder um segredo.



Nessa hora, ele já havia largado o sineiro, que procurou se firmar em pé. Mas, ao ouvir o que o estranho dissera, Milo sorriu, apertou a mão do sujeito e começou a chacoalhá-la, dizendo:

-Muito obrigado! Muito obrigado, senhor!

Foi quando a sua imagem se revelou. O sujeito era alto e magro. Podia se ver que perdera muito do seu cabelo, mas não era careca em nenhuma região da cabeça. Provavelmente não lavava a cabeça também. Vestia uma espécie de sobretudo cinza velho e surrado, aberto na frente, com camisas e calças pardas. O cinto era uma corda. Usava também um chapéu preto, com três bicos. Milo não sabia ao certo, mas o homem parecia um pirata.

Ele puxou rudemente a mão e a colocou na face do sineiro:

-Mas com uma condição! – advertiu.

-Condição? – indagou Milo, desconfiado e assustado, olhando em todas as direções.

O homem olhou para um lado e para o outro, desconfiado, como se temesse que alguém o ouvisse. Depois aproximou novamente o seu rosto do sineiro e desabafou, junto com um hálito dos infernos regado a alho e cebola:

-Vais me deixar lê-lo!

Milo pensou com os seus botões, recuando instintivamente daquele odor. Para que um pirata queresia ler um recado daqueles. “Bem”, pensou ele, “mal não vai fazer!”.

-Está bem – disse ele, - o senhor é quem sabe!

O pirata então se afastou, recuando um passo. Depois olhou bem o sineiro, de cima a baixo, e, fazendo um gesto, disse:

-Vem!

Virou-se e passou a andar, mal ligando se Milo o acompanhasse. Este, que ainda se segurava com ambas as mãos na amurada, observou que o homem fétido mancava, quase arrastando um dos pés. Mas foi atrás dele. Rapidamente desceram ao setor das cabines, abaixo do convés. O pirata parou diante de uma porta e, antes de abri-la, disse:

-Meu colega deve estar nesse momento se apoderando da mensagem!

E entrou.

Milo, imaginando qual seriam os métodos daquele colega, deu de ombros, e retrucou:

-Sim, capitão!

Numa outra cabine, não muito longe dali, a senhora que havia ficado com a mensagem cantarolava, enquanto arrumava suas coisas no recinto, retirando-as de uma mala. A janela estava entreaberta e, ali, pousou um papagaio, sem que ela se desse conta. O papagaio virou o rosto e arregalou o seu olho, que perscrutou toda a cabina, até que se detivesse num pedaço de papel abandonado sobre uma mesinha. Imediatamente, ele voou em direção à mensagem, o que assustou a senhora. Ela colocou ambas as mãos sobre o peito e passou a berrar incontrolavelmente:

-Uma ave de rapina! Um pássaro assustador!

Mas o papagaio mal fez caso dela. Pousou na mesinha e abocanhou o papel, voando imediatamente pela janela.

-Um pássaro ladrão! – continuou a berrar a senhora. – Pega! Pega!

Ele voou através da janela, rodopiou no ar e entrou por outra janela aberta, justamente na cabine onde estavam Milo e o pirata. Experimentou outro rodopio ali dentro, o que fez a cabeça do sineiro também rodopiar e pousou sobre outra mesinha. Depositou a mensagem diante dos seus próprios pés. E depois, ainda, falou:

-Gruááá! Eis o papel, seu bufão! – e, olhando para Milo com um dos olhos a piscar, indagou: - Quem é esse marujo?

Olhando para o papagaio, Milo notou que ele tinha uma venda que cobria um dos olhos. Por isso, o pássaro somente possuía um olho bom para ver as coisas. Mas o pirata se levantou e, bruscamente, apanhou o papel:

-Ah! – disse ele, como se resmungasse, mas rindo, - esse é o dono da mensagem, mas vai cooperar conosco!

O papagaio estreitou o olho, como se estivesse desconfiado do rapaz. O pirata abriu a mensagem e coçou a cabeça. Depois, elevou os olhos novamente em direção ao sineiro e completou:

-Disseste que o lerias!

Milo gaguejou um pouco, mas respondeu:

-Eu... eu... vou ler sim!

-Ele não sabe ler! Ele não sabe ler! Nhéin! Nhéin! – exclamou o papagaio, com uma voz típica dos membros da sua espécie.

Mas aquilo pareceu irritar o pirata, que se aproximou da ave e gritou:

-Ora! Eu devia fazer aquela sopa de papagaio com cebolas!

-Ah, é? – respondeu o bicho, com ar de desafio. – E o Capitão fará uma sopa de Senhor Dibuí!

-Seu insolente! – retrucou o pirata, amassando o papel entre os dedos. Mas, quando percebeu o que fizera, olhou para a mensagem, afrouxando os dedos. Imediatamente depois, o papagaio voou novamente e apanhou com o bico a mensagem de sua mão.

-Lorentz, seu marinheiro de água doce! – xingou o pirata.

-Eu leio! Eu leio! – disse o papagaio, depois que pousou novamente na mesinha.

Foi quando Milo viu uma cena quase inacreditável. Com extrema maestria, dançando sobre a folha de papel amassada, a ave o desamassou e passou a ler:

-“Preciso de análises”, currupaco!, “de dimensionalidade dos dados”, loiro quer biscoito!, “de terremotos e erupções das Montanhas de Fogo dos últimos dez anos”. – E seguiu-se um assobio longo: - Fiiiiuuuu!

Milo ficou impressionado com a habilidade do papagaio em ler. Talvez fosse mágico, pensou.

-Bah! Eu sabia! - disse o pirata. – Está em código!

Depois, mancou até um passo do sineiro e bradou:

-O que significa?

Milo olhou para o pirata mal encarado. Aquilo parecia importante para ele. Mas por que?

-Eu... eu... sou apenas um mensageiro. Foi o Sr. Aldebaran... ele... ele é que me mandou levar esse recado até Lumerae!

-Aldebaran, ein? – disse o pirata, com apenas um olho aberto e coçando a barba mal feita. – Eu sabia! Lumerae também está atrás do tesouro!

-Fiiiiuuuu! – disse o papagaio.

Então o pirata agarrou Milo pela parte frontal da camisa, erguendo-o no alto e ordenou:

-Mas vais decodificá-la, não vais?

-Mas, senhor... – respondeu o rapaz, maio que largado na mão forte do pirata. – Eu... eu não tenho a mínima idéia do que significa.

-Ele pode estar falando a verdade – disse o papagaio. – Olha só a cara de bobo dele!

-Pode ser! – disse o pirata, largando violentamente o sineiro sobre a cama onde estivera sentado. – Mas vamos levá-lo conosco, por precaução!

-É! Mas tu não tens chance – retrucou a ave. – Eu vou ser o imediato! Currupaco! Eu vou desvendar esse troço!

-Ah, não vais não! – interpôs o pirata. – O capitão prometeu que quem lhe trouxesse o mapa do tesouro, seria o imediato do Sombra da Morte. Temos informações seguras de que um passageiro desse navio guarda uma pista sobre o mapa, e eu tenho certeza que esse papel aqui – e guardou a mensagem num bolso da camisa – nos levará ao mapa. Afinal, quem, nesse mísero mundo, estaria mais interessado em por as mãos na Esfera de Grach do que os magos de Lumerae?

-Não adianta guardar a mensagem no bolso, currupaco! – disse o papagaio. – Já a decorei!

-Duvido! – desafiou o pirata. – Só o leste uma vez!

Então, caçoando, balançando a cabeça de um lado para o outro, com os olhos fechados, a ave pôs-se a repetir:

- Preciso de análises de dimensionalidade dos dados de terremotos e erupções das Montanhas de Fogo dos últimos dez anos! Preciso de análises de dimensionalidade dos dados de terremotos e erupções das Montanhas de Fogo dos últimos dez anos!

E não parava mais de falar. O pirata, irritado, pegou uma caneca que estava numa prateleira ao seu lado e a atirou sobre o pássaro. Esse, como estava de olho fechado, não se desviou, e foi derrubado da mesinha pelo impacto.

Imediatamente, o pirata partiu para cima de Milo e vociferou:

-Amanhã este navio será saqueado por piratas. E vamos partir com eles. Eu, o Sr. Lorentz e tu. Portanto, garoto, não tenta fugir não!

Virou-se e foi embora, arrastando a perna, deixando a porta aberta. Milo olhou para um lado e para o outro, pensando. No chão, o papagaio tentava se levantar, meio grogue, e a porta havia ficado escancarada. Deveria sair dali ou não? Talvez o pirata não o tinha proibido de sair da cabine e sim do navio.

Depois de alguns minutos, concluiu que ele poderia deixar a cabine. Então, se levantou, ainda meio inseguro, mas se foi. Subiu as escadas para se encontrar novamente no convés. Aquele pirata havia ficado com o recado. Bem, fizera várias cópias, caso perdesse, e escondera uma em cada bolso. Mas elas estavam escritas com a sua letra e, quando se apresentasse à senhora Mintaka, ela faria perguntas. Então... deveria falsificá-la? Conhecia a letra de Aldebaran, era meio alongada e inclinada. Que dúvida cruel!

“Ei! Espera aí!”, pensou Milo, agora desesperado, colocando as mãos na cabeça. “Eu devo entregá-lo à senhora Mintaka ou à senhora Alnitaka?”. Puxa vida, Aldebaran havia lhe falado, mas não se lembrava mais. “E agora?”. Então, ficou no convés, andando de um lado para o outro, com as mãos na cabeça.

Era noite. O convés era iluminado por lampiões pendurados que balançaram com a oscilação do barco. Um pouco mais adiante, o capitão do galeão tomava um conhaque sentado numa mesa, observando as águas do Mégion. Milo o viu e foi acometido por outra dúvida

cruel: deveria ou não avisá-lo que o barco seria atacado por piratas? E, se o avisasse, ele acreditaria?

Bem, talvez ele tivesse ficado ali, angustiado pelas suas dúvidas, durante uns dez minutos. Mas, no final desse período, se decidira: iria contar tudo, tintin por tintin, para o capitão. Assim, Milo, o sineiro, estufou o peito e caminhou a passos decididos em direção ao capitão.

Contudo, havia um pedaço de tomate no chão, e um tanto próximo da amurada. Consequentemente, Milo pisou firme naquele legume e, evidentemente, escorregou, e, como era de se esperar, despencou-se por cima da amurada, e caiu no rio.

Ao ver de relance que algo se projetava para fora do navio e ouvir um baque surdo na água, o capitão se levantou, já um pouco zozno. Olhou pela amurada e reconheceu, mesmo na pouca luz que ali havia, aquela boina inconfundível sendo balançada. Seu primeiro instinto foi o de ordenar a parada do navio, mas pensou bem. Aquele era um rapaz muito atrapalhado e já causara muitas confusões no seu barco. Então, deu de ombros, sentou-se novamente diante da mesa, ergueu o seu copo e fez um brinde ao nada.

Milo sabia nadar, mas era meio atrapalhado nessa atividade. Esperneava sem coordenação, então, as vezes submergia, emergindo novamente em seguida, erguia os braços balançando a boina, que segurava firmemente com uma das mãos. Mas afundava de novo, para depois emergir, mas somente as pernas a espernear, voltadas para as estrelas. Aí afundava de novo, emergindo novamente a cabeça, que cuspiam um tanto de água longe, etc e etc. E assim foi indo, meio que rodopiando, até que chegou à margem.

Caminhou de quatro sobre a terra molhada, sujando toda a roupa, como um gato molhado e resfolegante, com a língua de fora.

Finalmente, quando estava a uns dez metros fora da água, onde se sentiu mais ou menos seguro, é que se deitou de costas e a respiração começou a acalmar. Sentiu que deitara sobre o mato e estava cercado de arbustos e, à sua volta se delineava uma floresta. As árvores pareciam negras, contrastando com a luz da Lua. Então, deitado, ergueu o queixo, afundando a parte de trás da cabeça no mato e olhando em direção oposta à do rio. Viu uma exuberante floresta de cabeça para baixo.

“Céus! Uma floresta!”, pensou ele. “Estou em Karnevia!”. De fato, ele acertara. Caíra do navio nas terras dos elfos. “E agora?”. O que faria Milo, então, tão longe do seu destino, tendo perdido a mensagem original de Aldebaran?

Começou a sentir frio. Também, estava molhado como um peixe. Levantou-se, decidido, e rumou para o interior da floresta, determinado a encontrar alguns gravetos secos, com os quais poderia fazer uma fogueira. Levou cerca de meia hora para juntar meia dúzia de gravetos escolhidos criteriosamente. Depois, sentou-se no chão e, tremendo ainda, colocou um pau na horizontal e apanhou um dos gravetos. Passou a esfregá-los nas mãos, de forma que o graveto girasse na vertical e atritasse contra o pau. Certa vez, vira Castor produzir fogo daquela forma, mas Milo tentou, tentou e tentou, por mais de vinte minutos, mas fogo algum

saiu dali. Quando estava formando bolhas nas mãos parou. Jogou fora aquele graveto e apanhou outro. Foi quando ouviu um rosnar.

Imediatamente parou e ficou imóvel, mexendo apenas os olhos esbugalhados, para um lado e para o outro. Tinha certeza que ouvira um rugido. Bem, mas agora estava tudo em silêncio. Então, voltou a tentar produzir fogo.

Mas veio outro rugido. Agora tinha certeza. E estava mais perto. Levantou-se assustado. Lentamente, se virou e, então, deparou-se com ela. Um pouco adiante, no meio da floresta, nada mais viu com a exceção de dois pontos brilhantes, acompanhados de um novo rosnar. E sabia o que era aquilo.

-Ah! De novo, não! – balbuciou ele.

Bem, não era a primeira vez que fugia de uma onça. Mas o que Milo não havia aprendido era que não se deve dar as costas para um bicho daqueles. Porém, foi o que fez: virou-se novamente e, desajeitadamente, pôs-se a correr.

A onça, é claro, achando-o saboroso, foi atrás.

Milo corria mais que podia e além do que sentia. Suas pernas iam na frente, se movendo tão rápido que mal podiam ser vistas. E ele atrás das pernas, com o tronco inclinado para trás, e com a mão na cabeça, para não perder a boina.

Corria em ziguezague, entre as árvores, mas a onça estava logo atrás, fungando no seu cangote. Acabou indo na direção do rio e, quando chegou à margem, nem diminuiu de velocidade, se atirando nas águas e saindo nadando. Bem, a onça não se fez de rogada, pois se apinchou no rio, nadando atrás do sineiro. Milo nadou o mais rápido que podia, movendo vigorosamente braços e pernas. Mas a onça também era boa nadadora e estava se aproximando. É claro que o rapaz não sabia disso, pois estava escuro e não podia ver nada, ainda mais algo que estava atrás de si. E, mais uma vez, quase foi o fim do afamado sineiro de Marmórea, se não fosse a surpreendente mão do destino. Mão, aliás, que Milo sentiu no cangote, quando dedos fortes o agarraram pela camisa e o retiraram da água.

Ele foi violentamente arremessado contra o piso de madeira de um barco, sem entender o que estava acontecendo, até que ouviu uma voz, uma voz feminina:

-Que espécie de peixe temos aqui?

Piscando os olhos ainda cheios de água, ele mal pode vislumbrar uma silhueta agachada diante de si. Sentiu-se ao mesmo tempo aliviado por ter sido salvo da onça e ao mesmo tempo temeroso, pois não sabia onde se encontrava.

-Eu... eu morri? – acabou perguntando.

Sua salvadora riu e disse:

-Não consigo distinguir a espécie, mas certamente é engraçado!

Milo olhou para os lados, tentando se localizar. Pode perceber que estava num barco, que não era muito grande. Devia ter uns dez metros de comprimento e, na popa, havia uma espécie de cabana. E, de repente, percebeu uma luz e logo constatou que era um lampião que estava sendo segurado por aquela que o havia resgatado do rio. Ela aproximou a luz do seu rosto e o sineiro viu de quem se tratava.

-Uma elfa! – admirou-se ele.

-Bem, o que esperava? Estamos em Karnevion!

De fato, era uma elfa notus. E era bonita. E Milo ficava nervoso quando estava próximo de garotas. Então, fosse pelo frio ou não, passou a tremer.

Ela apanhou uma coberta e jogou sobre ele.

-Toma! – disse. – Estás com frio. Mas, se eu fosse tu, tirava essas roupas molhadas!

“Tirar a roupa?”, pensou Milo, agarrando a coberta e colocando-a diante do corpo, como se já estivesse nu. A elfa riu dele.

Um tanto envergonhado, o rapaz se enrolou na coberta, sem tirar peça alguma. Então, se lembrou do que estava fazendo ali, ou do que não estava fazendo. Desesperado, levantou-se, e, enrolado dos pés à cabeça, pôs-se a andar de um lado para o outro. Milhões de pensamentos vieram à sua cabeça ao mesmo tempo. Os principais foram: 1 – Notou que ainda segurava a boina e que havia nadado com ela na mão; 2 – não sabia se as cópias da mensagem de Aldebaran haviam sobrevivido à água, assim, foi procurar nos bolsos, mas estava muito enrolado e, além do mais, lembrou-se de outras coisas; 3 – não sabia exatamente onde estava; 4 – não sabia como voltar; 5 – estava com fome; 6 – estava frio pra chuchu; 7 – estava desprevenido, pois não tinha outras roupas; 8 – ia levar a maior bronca, talvez fosse melhor nem ao menos voltar, mas estava com saudades de casa; 9 – sentia falta do seu ursinho.

Mas, ao andar desesperado de um lado para o outro, o barco começou a balançar e a elfa não gostou nada daquilo:

-Ei, vais virar o barco!

Foi quando Milo se deteve. Espantado, olhou para um lado e para o outro. Então, caiu a ficha:

-Ei, não estás usando remos! – exclamou ele, nervoso.

-Claro que não estou – respondeu a elfa, sentando-se. – Estou aproveitando a correnteza.

-Aproveitando a correnteza! – gritou o sineiro, desesperado, colocando as mãos na cabeça. – Céus! Estamos indo na direção errada!

-Direção errada uma ova! – exclamou a elfa. – Não sei para onde estás indo, mas eu pretendo atracar em Peorlândia daqui a dois dias!

-Peorlândia! Estou ferrado! – gritou ele novamente. E se pôs mais uma vez a andar de um lado para o outro.

Vendo o desespero do rapaz, a elfa tentou distraí-lo:

-Escuta... como te chamas?

-Milo! – disse ele, sem se deter.

-E o que fazes?

-Sou o sineiro de Marmórea!

-Sineiro? E o que um sineiro faz por essas bandas, tão longe de casa?

-Eu... eu... – hesitou Milo. – Estou numa missão importante! Eu... eu... levo uma mensagem secreta à Lumerae... Céus! A mensagem!

E passou a tentar atrapalhadamente atingir um dos bolsos por debaixo da coberta, contudo, não sabia ao certo em quais bolsos havia réplicas da mensagem. E ele se debateu tanto que quase caiu do barco. Foi salvo porque a elfa, calmamente, o agarrou e o obrigou a sentar-se.

-Meu nome é Kitra – disse ela, tentando outra abordagem.

Mas Milo pareceu nem tê-la ouvido. Limitou-se a olhar bem para ela e repetir para si mesmo:

-Desta vez estou ferrado mesmo!

-Acalma-te – disse ela. – Podes ir comigo até Peorlândia e de lá tomar outro barco ou mesmo uma carroça para Lumerae.

Milo abaixou a cabeça e a cobriu com ambas as mãos.

-Isso vai levar dois mil anos!

-E essa mensagem tem que ser entregue com tanta urgência assim?

-É uma mensagem do senhor Aldebaran! – explicou o sineiro, achando que a mera menção do nome do mago tornaria clara a importância de sua missão.

-Aldebaran? – estranhou a elfa. – Por que Aldebaran te mandaria entregar uma mensagem em Lumerae?

-Conheces Aldebaran?

-Bem... o conheci há alguns meses atrás – explicou a elfa.

-Como a senhora disse que se chama?

A elfa fez uma cara de poucos amigos e respondeu:



-Kitra. Co... isto é, capitã Kitra. E se me chamares de novo de senhora te jogo desse barco!

-A se... isto é, tu és uma guerreira?

-Bem, não exatamente... – tentou esclarecer ela. – Mas, para tu entenderes, seria mais como uma policial.

-Policial? – Alarmou-se o sineiro. E, gesticulando, continuou: – Não vais me prender, vais? Olha, eu não queria causar aquela confusão toda no galeão e...

Kitra não pode deixar de rir.

-É claro que não vou te prender! Eu não sei nada das confusões que te meteste. Eu sou uma ailandê, estás me entendendo?

-Ailandê? O que é isso?

-Não sabes o que é uma ailandê? Vejo que não entendes nada mesmo de elfos!

Milo deu de ombros. “É claro que não entende”, pensou ela, “é apenas um sineiro”.

-Sou uma caçadora de tuellais, entendes?

Bem, ela viu que ele ainda ficou “boiando”, então, tratou de explicar melhor:

-Os tuellais são elfos cuja alma se degenerou. Suas fulfiliari são escurecidas, se é que me entendes. Eles são muito perigosos. Muito perigosos! Estou atrás de alguns que fugiram da prisão de Sepitha.

Milo ia perguntar o que era fulfiliari e Sepitha, mas acabou deixando para lá. Era muita informação. Kitra, por sua vez, ajeitou-se na horizontal, sobre um monte de panos, e disse:

-E agora... boa noite!

E fechou os olhos. Milo ficou ali, sentado, enrolado na coberta, no escuro, tendo a silhueta sombria das árvores da floresta de Karnevion em ambas as margens do rio. Longe, muito longe de onde deveria estar.

E, assim, no segundo dia, atracaram. Kitra já estava doida para se livrar do sineiro. Ele havia quase virado o barco por três vezes, sem contar as coisas que ele deixou cair no rio e do crocodilo enorme que tentou entrar na embarcação porque ele havia se deitado na borda com o braço a arrastar na água. Kitra teve que lutar contra o bicho para ele não abocanhar o rapaz. Os jacarés adovaram Milo, fazer o que?

-Muito bem – disse ela, colocando os pés no chão e amarrando o barco numa das estacas que havia ali justamente para isso, - vamos procurar um transporte para Lumerae!

E procuraram, procuraram e procuraram. Mas a coisa mais próxima de um transporte disposto a levá-lo – uma carroça de açúcar – iria partir somente depois de uma semana. Kitra suspirou. Poderia mandá-lo se virar, mas acabou ficando com pena dele, pois Milo fez uma carinha de criança que perde o doce.

-Muito bem, vais ficar comigo, mas, se me atralhares, arranco o teu fígado! – disse a ailandê, resoluta.

Peorlândia era um entreposto comercial importante para o grande reino de Brenor. Ela crescera e se tornara uma pequena cidade, mas a maioria das casas ainda era feita de madeira. Situava-se ao sul de Surkarnevion, no reino de Olmea. Era uma cidade agitada, abarrotada de gente correndo para lá e para cá levando mercadorias. Mas Milo notou que Kitra não reparava nessas coisas. Ela estava absorta, como se sentisse algo.

-Sinto cheiro de tuellais... e mais de um – disse ela, concentrada.

Milo engoliu a seco. Não tinha certeza se queria ver um deles.

-É estranho. Por que eles procurariam um lugar desses para se esconder? Um lugar tão óbvio... – disse ela para si mesma.

Ela ajeitou suas coisas no interior de uma grande mochila e a colocou nas costas.

-Vem – disse, - vamos procurar uma hospedaria.

Caminharam até a praça central e entraram num sobrado de três andares. Mal ali chegaram, a elfa cochichou:

-O cheiro está forte aqui. Toma cuidado, o criminoso pode ser qualquer um desses que estão aqui.

O saguão de entrada estava abarrotado de pessoas, pois também era um bar e restaurante. A maioria era constituída de humanos. Homens fortes que certamente trabalhavam carregando coisas. Havia alguns elfos também, devido à proximidade com Karnevion. Milo ficou encarando os elfos, torcendo para que não fossem tuellais. E Kitra notou isso:

-Não, não são esses – cochichou ela. - Quando eu disse “qualquer um”, queria dizer exatamente isso.

Depois olhou desconfiada e discretamente ao seu redor, continuando:

-Há um tuellai aqui. Um kaikias. Ele pode assumir a forma de qualquer um. Humano ou elfo, macho ou fêmea, adulto ou criança. Fica atento.

Milo, então, olhou para todos os lados alarmado. Sentiu-se inseguro ali e a fisionomia de todos lhe parecia suspeita. Até de um menininho que havia ali, brincando com uma pequena bola de madeira num dos cantos do recinto.

Kitra, por sua vez, caminhou a passos firmes em direção ao balcão de atendimento, para solicitar um quarto. Mas o fez em grande estilo: jogou a mochila sobre o balcão produzindo um grande estrondo. É claro que isso chamou a atenção de todos no recinto. Fez-se, assim, um silêncio absoluto. Milo sentiu-se como se estivesse nu, pois todos olhavam para eles. Ele imaginou que ela havia feito aquilo de propósito. Mas, por que?

-Preciso de um quarto! – gritou ela para o atendente. – Eu e o meu amigo aqui, o “Matador”!

O sineiro colocou ambas as mãos sobre a boca. “Matador? Eu?”, pensou ele. Definitivamente, ela estava querendo chamar a atenção.

-Ei, não precisa gritar! – disse o atendente, também reforçando a voz, sentindo-se indignado.

-É porque está muito barulhento aqui! – explicou ela, ainda gritando, embora todos tivessem ficado em silêncio. Mas, enquanto assim discutia com o atendente, com o rabo dos olhos, observava o recinto.

Observou que, numa lateral, sentado sobre uma mesa, um humano idoso, magro e careca, suava a bicas. Ele se levantou e, antes que desse dois passos, uma adaga lançada com precisão pela ailandê prendeu a sua camisa contra uma viga de madeira. Espantado, ele olhou para a elfa, enquanto esta se virava e, então, o velho se tornou invisível.

Todos se admiraram, menos Kitra, que caminhou decidida em direção de onde ele estava, dizendo:

-Isso não vai funcionar comigo!

Foi então que tudo aconteceu muito rápido. Uma criatura disforme, esverdeada, com mais de dois metros de altura, se materializou no centro do recinto, bem na trajetória da ailandê. Mas ela não esperava que o fator Milo operasse ali, pois o sineiro se assustou e deu um grito e um pulo, enquanto que todos os demais no recinto entravam em pânico. Só que ele pulou errado e foi parar bem em cima da criatura, que era, de fato, um elfo kaikias. Este, no reflexo, apanhou o sineiro e acabou ficando com ele no colo. Durante alguns segundos eles se olharam. Milo apavorado e o monstro kaikias parecendo um tanto espantado.

Kitra viu naquilo uma oportunidade de capturar o criminoso. Assim, retirou de um bolso um par de algemas inae, confeccionadas pelas denassês de Karnevion Ocidental, que retiram a vitalidade de um tuellai, e caminhou em direção ao seu alvo. Mas o kaikias percebeu o movimento e atirou Milo contra a elfa. O rapaz caiu sobre ela, derrubando-a e, enquanto os dois ficaram enrolados no chão, o monstro fugiu. Com grande velocidade, abriu caminho por onde passava, arremessando pessoas longe, cortando o balcão ao meio e atravessando paredes de madeira, deixando um orifício correspondente ao seu tamanho.

A ailandê bem que tentou levantar-se rápido e ir atrás dele, mas Milo se atrapalhou ao se desvencilhar dela. Tentou levantar-se por três vezes e por três vezes caiu sobre ela de novo, pois não sabia o que fazer com braços e pernas, sempre os enroscando no corpo da elfa.

Quando ela finalmente se viu livre do sineiro, até correu para o ambiente externo, mas não o viu mais e nem mesmo sentiu o seu cheiro.

-Droga! – desabafou.

Então, voltou ao recinto cheia de raiva. Mal entrou de novo através do orifício produzido pelo tuellai, Milo, com uma cara de bobo e sorrindo, olhou para ela e disse:

-Nossa! Agora que eu notei! Teus olhos são violetas!

A elfa não acreditou no que ouviu. Sua raiva cresceu mais ainda e, sem parar de andar, esbravejou:

-Sai da minha frente!

Mas foi detida pelo dono do estabelecimento, que disse:

-Vais ter que pagar pelos prejuízos!

Por isso, ela parou diante dele, o encarou com um ar de poucos amigos e explicou com uma voz relativamente calma, mas que segurava uma pressão prestes a explodir:

-Olha aqui, eu sou uma ailandê, estás me entendendo? Aquilo ali que saiu pela parede era um tuellai. Eu caço esse tipo de criatura. Agora imagina que eu não estivesse aqui, quem iria te proteger dele?

O dono começou a refletir, olhando alternadamente para um lado e para o outro. Sua cachola passou a funcionar. Depois concluiu:

-Puxa!

Nos dois próximos dias, Kitra não sabia o que fazer com Milo. Resolveu ordenar-lhe que ficasse no quarto que alugaram e só sair de lá para comer ou ir ao banheiro. Então saiu. Vasculhou toda a cidade, mas, por várias vezes, o encontrou perambulando por aí.

-Eu não disse para ficares no quarto?

Mas Milo tinha desculpas: da primeira vez, saíra porque a faxineira apareceu; da segunda, um bêbado entrou no quarto e tentou agarrá-lo, chamando-o de querida...

-E deixaste o bêbado sozinho no nosso quarto? – indagou a ailandê, sem saber se lhe tirava o escalpo ou se ria.

O sineiro simplesmente deu de ombros.

...e, da terceira vez, simplesmente caíra pela janela.

-... e é por isso que estou mancando um pouco – disse ele, à guisa de conclusão.

A elfa balançou a cabeça. De fato, aquele rapaz devia ser a pessoa mais atrapalhada do mundo. Devia jogá-lo no Mégion. Talvez o rio o levasse, correnteza abaixo, até um lugar bastante distante dali. Mas ele tinha uma carinha de coitado e Kitra, apesar da pinta de durona, na verdade, tinha o coração mole. Além do mais... talvez pudesse usar a atrapalhação do sineiro em seu benefício. É claro, ele podia atrapalhá-la, mas bem que podia também atrapalhar o tuellai. Assim, olhou bem para ele, em silêncio, pensando. Ele, ao se perceber olhado assim, sentiu-se nu, e colocou os braços na frente do corpo, se encolhendo um pouco.

-Milo, como caíste pela janela? – indagou a ailandê, colocando as mãos na cintura.

-Bem... eu fui tentar me deitar um pouco e... precisava tirar os sapatos. Então, eu... eu levantei o pé assim, ó – e mostrou como levantou a perna, - e estava de costas para a janela. Então, eu... eu acho que levantei demais e caí para trás!

E, ao demonstrar o que tinha feito, caiu novamente, produzindo um baque surdo ao atingir o chão. E Kitra reparou que um dos seus pés estava descalço, revelando uma meia amarela. Enquanto ele se levantava, a elfa indagou:

-E onde está o teu sapato?

-Eu sei lá? – respondeu ele, dando de ombros. – Estou até agora, rondando por aí, procurando-o!

-Mas o seu sapato deve ter caído lá perto da estalagem! – disse a elfa, um tanto exasperada. – Como pensas em encontrá-lo aqui? Estamos a mais de um quilômetro de lá!

-Bem... nunca se sabe onde um sapato pode parar! – explicou ele. – Da última vez que perdi um foi porque um urubu o pegou e depois ficou caçoando de mim vestindo ele na cabeça!

A ailandê olhou para o céu e suspirou, pedindo ao Bóreas que lhe desse paciência.

Mas, de repente, ela se deu conta de algo. Sentiu que havia algo errado ali. A elfa passara dois dias procurando o tuellai. Podia sentir o seu cheiro, mas sempre estava distante. Era como se ele pudesse senti-la e se deslocar por uma distância segura, sempre a mantendo afastada. Mas por que ele não havia deixado a cidade? Mas, logo, Kitra iria descobrir o porque.

Foi quando o viu e tudo se tornou claro.

Enquanto Milo explicava como recuperou o sapato roubado pelo urubu, o que ela não prestou a mínima atenção, viu, um pouco mais adiante, no centro da praça de comércio onde estavam, um elfo distinto. Várias pessoas caminhavam por ali, atravessando a linha de visão, ocultando-o periodicamente, mas Kitra podia distinguir bem o tipo. Vestia-se de forma aristocrática, com um sobretudo bordado e uma bengala. Era moreno, com o cabelo impecavelmente cortado no estilo da etnia dortewê, que, para a elfa, lembrava um elmo.

Ele pressentiu que estava sendo observado e olhou diretamente a ela. Seus olhares se entrecruzaram. Em seguida, Kitra inspirou o ar, a brisa mudou de direção e ela soube exatamente o que era ele: um tuellai na fase apeliotes. “Então, há mais de um!”, pensou ela.

Passou a caminhar em direção a ele, largando Milo falando sozinho. Era melhor prendê-lo já. Mas não o conhecia, não era um que houvesse capturado antes.

Ele, por sua vez, longe de fugir, também caminhou em direção a ela, com passos decididos, sem demonstrar qualquer sinal de temor ou raiva. Parecia absolutamente frio, uma atitude típica dos aristocratas dortewê. Mas humano algum diria que era um tuellai, pois na forma e postura nada se distinguia de qualquer elfo notus. Somente uma dríade experiente como Kitra poderia identificá-lo, e a única maneira era pelo cheiro.

A distância entre ambos diminuiu rapidamente, até que ele parou, a um passo da elfa.

-Como vai, coronel? – disse ele, sinicamente, sorrindo, apoiando-se na bengala.

-Não caçoa de mim – respondeu ela, séria, – já não sou mais coronel.

-Ah, que notícia! – exclamou o desconhecido, com uma voz suave. – Por que será?

-Quem és tu? – indagou a ailandê, estreitando os olhos.

-Bem... não sabes quem sou eu, mas sabes o que eu sou, não é? Não percebestes ainda? – disse, com um sorriso nos lábios, aparentando muita segurança. – Não te deste conta do porque estamos aqui, num lugar tão movimentado, tão óbvio?

Quando disse “movimentado”, olhou discretamente para o seu entorno. Quando disse “óbvio”, olhou diretamente nos olhos da dríade.

E, num lampejo, ela adivinhou. É claro, era uma armadilha. Uma armadilha especificamente direcionada a ela. Mas, é claro, ela não poderia deixar transparecer qualquer sinal de temor, assim demandou:

-Considera-te preso!

O desconhecido riu:

-Ah! Não estás aqui em condições de prender ninguém! Vejo que não vos destes conta do que está acontecendo... A fuga em massa de Sepitha, orquestrada por um exército!

Kitra pensou. Havia mais coelho naquele mato do que antes supusera. Assim, pensou, pensou rápido. A fuga dos tuellais da prisão de Sepitha havia ocorrido porque essa foi atacada pelas legiões do príncipe rebelde Bhorgerius. A intuição do que estava acontecendo lhe caiu como uma pesada rocha.

-O príncipe Bhorgerius... – balbuciou ela, – ...é um tuellai?

-Oh, brilhante! – disse o estranho, ironicamente. – E o que mais?

-Ele... isto é, vós... estais tentando tomar a coroa de Eralda!

Ele riu novamente:

-Somente Eralda? Não somos tão pouco ambiciosos!

Kitra leu os olhos do tuellai.

-Tomareis também Karnevion Ocidental... – adivinhou ela.

-Sim?

-E vos apoderareis do Vale de Aar...

-Sim?

E tinha mais, muito mais aparecia naqueles olhos ambiciosos.

-E o mundo inteiro! Não é possível!

-Não? – indagou ele, sem deixar de sorrir ironicamente. – Por que não?

-Os elfos jamais voltarão a ser os senhores do mundo – afirmou a ailandê. – O cristal verde está cada vez mais fraco e nossa linhagem não tem a força necessária. Nossa luta é contra o nosso total desaparecimento e sabes muito bem disso.

-Vamos reativar o cristal verde.

Kitra ficou pasma.

-Como? Isso não é possível!

-É claro que é. A rainha de Brenor ativou o cristal laranja. O mesmo acontecerá com o verde.

-E se ela recusar a tocar o cristal verde?

-Ela não terá essa chance! – concluiu ele, extremamente seguro de si.

-Chega disso! – afirmou Kitra, entre o asco de uma trama absurda e o temor de que aquilo tudo fosse verdade. – Vou te prender!

Então, retirou as algemas da cintura, mas, antes que pudesse tocá-lo, sentiu-se agarrada. “É claro”, pensou ela, ao se sentir presa nos braços fortes do kaikias, que a havia agarrado pro trás, “estava tentando me distrair durante todo o tempo”. O kaikias era extremamente forte, então a imobilizou completamente. Envolveu-a com um dos braços e o outro procurou o seu pescoço. Sentiu, então, ser sufocada. O lorde élfico aproximou o seu rosto e disse:

-Acredita-me, não é nada pessoal. Mas não podíamos deixar uma ailandê livre por aí à nossa caça!

Logo que disse isso, Kitra sentiu aqueles dedos enormes aumentarem a pressão. Já quase não podia respirar e sabia que, embora retesasse os músculos do pescoço, logo aquela mão implacável esmagaria a sua laringe.

-Tem um bom dia! – exclamou o estranho, inclinando-se e fechando os olhos, como manda a boa educação. Em seguida, virou-se e desapareceu tranquilamente na multidão que agora corria de um lado para o outro, com medo do kaikias.

O fôlego da ailandê já estava no fim. Ela só tinha uma alternativa. Com uma das mãos que estava livre, retirou um pequeno objeto de um dos bolsos da calça. Mas o kaikias percebeu aquele movimento e a apertou de forma a imobilizar aquele braço. Assim, ela ficou com o objeto na mão, mas sem poder movê-lo.

Esse seria o seu fim, mas algo aconteceu. O kaikias sentiu que um objeto o atingira na cabeça. Nada que o ferisse, mas isso o alertou. Era um sapato. Depois veio outro objeto, e mais outro e outro. Tomates, ovos e uma chuva interminável de coisas das mais gosmentas e, por vezes, fedorentas. Alguns o atingiram, outros atingiram a elfa, mas foi o bastante para irritar o monstro e fazer com que ele virasse ainda segurando a ailandê. Contudo, isso foi o suficiente para que ele afrouxasse o aperto e ela conseguiu alojar o objeto numa das reentrâncias entre as diversas placas ósseas que cobriam o seu corpo, bem na região lateral de sua cintura.

Viu, então, que era Milo quem jogava os objetos, e ainda não havia parado, embora agora acertasse mais a elfa que o kaikias e o monstro rosnasse para ele. Mas o relaxamento do aperto também foi suficiente para que essa sussurrasse:

-Boa viagem!

É claro que o kaikias não entendeu aquilo, mas ficou alarmado, pois sentiu que algo estava para acontecer. Assim, arregalou os olhos, mas, logo em seguida, o objeto explodiu, lançando o kaikias lateralmente a uma distância de três metros de onde estava. A ailandê obviamente foi junto, pois ainda estava entre os braços da criatura. Mas assim que essa atingiu o chão, com um baque de ossos se quebrando, ela sentiu que estava livre. Levantou-se e viu que a explosão havia matado o monstro, provocando um rombo na lateral do seu ventre.

Vendo aquilo, Milo se aproximou, mas ainda jogava coisas sobre o kaikias.

Kitra sorriu como podia para ele, pois ainda estava recobrando o fôlego.

-Obrigada – disse ela. – Salvaste a minha vida!

Milo ainda olhou bem para a criatura caída e, com o braço estático, mas movendo o pulso, lhe jogou ainda mais uma maçã. Depois disso é que se deu conta do que a driade lhe havia dito:

-Sério? – indagou ele, de olhos arregalados.

-É claro! – confirmou ela, olhando à sua volta, para verificar se ainda avistava o elfo apeliotes.

-Oh, puxa! – exclamou o sineiro, admirado, olhando para o nada, no meio da praça deserta.

Mas o lorde élfico havia sumido.



Mais tarde, no quarto da estalagem, Kitra estava deitada numa cama, com as mãos unidas na nuca. Olhava para o teto e pensava. Pensava no que o apeliotes lhe havia dito. Ficara desconcertada com isso. Deveria voltar a Sepitha e reportar aquilo às denassês. Isto é, se sobrevivesse, pois sabia que seria caçada. Tentava refletir sobre as palavras daquele elfo aristocrático. Cada frase, cada entonação. Tinha que descobrir a verdade por trás daquilo. Contudo, Milo não a deixava raciocinar direito. Ele estava há uma hora andando de um lado para o outro, excitado com o fato de haver salvo a vida da elfa.

Ele vinha de um canto do quarto, passava em frente à cama onde estava Kitra até atingir o canto diametralmente oposto, dava meia volta e fazia o percurso contrário. Depois retomava um novo ciclo, sem parar. Por vezes, quando atingia um canto, dava um salto esquisito, se projetando para o alto e abrindo as pernas, uma para frente e outra para trás. Aquilo seria o suficiente para qualquer um concluir que o rapaz não batia muito bem dos pinos.

-Vê se dorme, Milo! – gritou a elfa. – Estou tentando pegar no sono!

Mas o sineiro nem a ouviu. Ele parecia estar num mundo próprio. Devia estar fantasiando mil coisas: aventuras perigosas onde ele seria o salvador de muitas donzelas em perigo. De vez em quando, ele dava socos no ar e, outras, brandia o braço, como se estivesse segurando uma espada.

Depois de falar umas três vezes sem ser correspondida, ela desistiu e tentou adormecer. Amanhã voltaria à caça. Mas sabia que estaria também sendo caçada. Então, estaria numa espécie de jogo duplo. Não sabia muito bem como enfrentar essa situação, pois, em toda a sua respeitável carreira, os tuellais sempre fugiram dela. E agora? Ela precisava de algo a mais. Um diferencial. Algo que os tuellais não contassem.

Olhou novamente para o sineiro, que andava, gesticulava e movia os lábios em silêncio, com se conversasse com seres invisíveis. “É, claro!”, pensou ela. “Milo!”. Ele seria o fator imprevisível. Ela só teria que imaginar uma maneira de usá-lo de tal forma que aquela característica indelével do sineiro não se voltasse contra ela, mas contra os tuellais. Mas como?

Bem, tentaria ainda dormir um pouco e, sabia, amanhã cedo teria a solução. Ela só esperava que Milo não caísse novamente pela janela e quebrasse algumas costelas.

No dia seguinte, na mesma praça em que estiveram antes, dois olhos apareceram lentamente por trás de um balcão de feira, abarrotado de tomates. O vendedor mirou aquilo espantado. Gradativamente, a cabeça de Milo apareceu.

-Por acaso és algum maluco? – indagou o vendedor.

Milo colocou o dedo indicador contra os lábios e disse:

-Psiu! Estou numa missão importante!

O vendedor ficou de boca aberta. “Cada espécie de louco que se vê hoje em dia!”, pensou ele. O sineiro saiu de trás do balcão e, pé ante pé, caminhou furtivamente até a próxima barraca, escondendo-se atrás dela, comprimindo as costas contra uma viga de madeira. Vinte metros adiante, disfarçada por um uma túnica colorida e véu que lhe cobria quase todo o rosto, Kitra bateu com a palma da mão contra a testa. “Que imbecil!”, pensou ela, “mandei que ele andasse por aí justamente para se mostrar e ele fica se escondendo!”. Mas ela não podia simplesmente gritar para ele ou se aproximar, pois pretendia usar Milo como uma espécie de isca sem ser notada. Ela estava imersa numa pequena multidão de mulheres monorianas, todas vestidas como ela, que ajeitavam tecidos para serem vendidos em diversas barracas. Aquelas sulistas se vestiam como era a tradição no seu país, deixando a mostra apenas os seus olhos.

Mas Milo estava em outro mundo. Imaginava-se um grande detetive, à caça de bandidos. Na cabeça dele, ele não devia ser visto, para poder pegar os tuellais de surpresa. O que ele ia fazer quando encontrasse um... bem, isso ele não havia pensado ainda. Mas Kitra sabia. Ela imaginava que um ou mais tuellais se aproximariam do sineiro. Então agiria. Ela se prevenira. Trouxera sua cimitarra e também arco e flechas escondidos por baixo da volumosa túnica. Mas Milo tinha que se expor, senão tuellai algum o veria.

“Calma, Kitra, calma!”, disse para si mesma.

Mas aquele era Milo, o sineiro, a pessoa que era conhecida em todo o ducado de Marmórea como a pessoa mais indiscreta do mundo e, assim, é claro, não demorou muito para se mostrar e atrair a atenção da praça inteira.

Acontece que Milo comprara sapatos novos e eles estavam meio apertados, dificultando os seus passos. Além disso, Kitra havia jogado a sua camisa fora, embora ele gostasse muito dela, porque não a havia trocado desde que saíra da capital e estava insuportavelmente fedorenta. Assim ele tivera que comprar uma camisa também. Mas gostara de uma de manga comprida e larga, embora a elfa tivesse a achado horrível. Bem, ele foi pular discretamente por cima de uma haste horizontal de madeira, que estava a meio metro do chão, mas levantou muito a perna e acabou enfiando o pé em uma das mangas da camisa. Evidentemente ele caiu. Mas caiu com estilo, pois do lado de lá havia um balcão cheio de panelas e bacias a venda.

Bem, o barulho que se fez ao cair sobre aqueles objetos deve ter chegado até Lumerae e havia também algumas galinhas perto que se assustaram e saíram voando e soltando penas, fazendo a maior algazarra. E se aquilo não atraísse a atenção dos tuellais, nada mais o faria. Então, Kitra sorriu por baixo do véu. Sentia o cheiro de tuellais e, sabia, logo eles apareceriam. Não agora, é claro, pois uma multidão se acotovelou em torno do sineiro, curiosa sobre o que estava acontecendo.

Milo tentou se levantar, mas, como estava sendo observado pela multidão, ficou nervoso, então caiu de novo, repetindo-se o barulho. Depois tentou novamente, e caiu mais uma vez. Depois de novo e depois de novo.

Kitra já achava que o barulho havia ultrapassado em muito o necessário e suficiente, então levou novamente a palma da mão na cabeça.

E, como o sineiro não conseguia verdadeiramente se levantar, o dono daquela barraca, furioso, o levantou pelo colarinho, encostou o rosto do rapaz na sua e vociferou:

-Vais ter que arrumar tudo isso, estás me entendendo?

Milo, assustado, balançou veementemente a cabeça, concordando. Em seguida o homem, que era muito forte e alto, o colocou no chão e indicou o balcão caído. O sineiro, com um sorriso amarelo no rosto, tratou de levantar o balcão, estender novamente a toalha que o cobria, embora estivesse um pouco suja agora, e recolocar as panelas. Mas, para fazer isso, se atrapalhou todo e, para cada três panelas e bacias que recolocava no balcão, deixava cair duas, fazendo ainda mais barulho.

“Calma, Kitra, calma!”.

Aquilo durou mais ou menos uma hora, sob os risos da multidão. Mas, aos poucos, o espetáculo perdeu o interesse e a multidão se dispersou. Milo, finalmente, conseguiu colocar a última bacia, equilibrando-a sobre uma panela, meio roxo, pois conteve a respiração para que tudo não caísse novamente. A arrumação ficou um desastre, mas ele havia concluído. Pelo menos pensou assim, pois tudo estava de novo sobre o balcão. Então, se afastou pé ante pé, andando para trás, enquanto o vendedor observava tudo de braços cruzados. E, como este não disse mais nada, o sineiro tratou de dar meia volta e sumir dali. Mas não havia dado dois passos quando dois estranhos, vestidos com capuzes e hábitos de grosso tecido se interpuseram no seu caminho.

Milo trombou contra o peito de um deles. Eram altos, mesmo considerando que o rapaz tinha apenas 1,68 metros de altura. Ele ficou um tempo relativamente longo com a cara enfiada no peito do sujeito, espantado, sem saber o que fazer. Até que foi arrancado dali por uma mão forte que lhe segurou na parte de trás do colarinho.

Em seguida, eles apanharam o sineiro, um de cada lado, e passaram a arrastá-lo para longe. Mas Kitra estava atenta. Retirou arco e flecha de baixo das vestes e, logo, o dardo se cravava na parte posterior do ombro de um deles. O alvo se contorceu de dor, largando Milo. O outro se espantou e se virou, tentando localizar de onde viera a flecha.

E, enquanto o primeiro arrancava o dardo do ombro, o segundo viu que a dríade se aproximava a passos firmes, se livrando das vestes. Por alguns instantes, ele se perguntou porque ela estaria ali, disfarçada, se agora se revelava, mas por fim sorriu, pois estava ali justamente para matá-la. Descobriu, então, o capuz, revelando um corte de cabelo semelhante ao do lorde dortewê. Ele sacou a sua cimitarra, mas Kitra estava também armada.

Aquele que fora ferido também sacou a sua lâmina. Assim, decidiram caminhar de encontro à ailandê, mas apenas o ferido teve sucesso nessa empreitada, pois o outro caiu, ao dar o primeiro passo, pois Milo se enraizara nas suas pernas.

Kitra e o ferido se encontraram. Suas lâminas se tocaram, deslizando uma contra a outra e seus corpos se aproximaram. Seus rostos ficaram a poucos centímetros um do outro.

-Um bom dia para morrer, Kitra! – exclamou o atingido pela flecha.

A ailandê sentiu o seu cheiro e o espanto tomou conta de seu ser. Não era apenas um tuellai apeliotes, era um feiticeiro. Com isso não contava. Seria muito mais difícil. Se eles usassem os seus feitiços...

O tuellai tentou se desvencilhar da lâmina da elfa, enquanto que o outro tentava – em vão – se desvencilhar de Milo. Afastou a sua cimitarra e tentou estocá-la, contra a cintura da dríade, mas esta interpôs sua lâmina no caminho. Forçou-a para cima e as armas fizeram um rodopio no ar.

O segundo tuellai decidiu golpear Milo com a sua cimitarra, mas estava numa posição desfavorável. O máximo que conseguiu foi rasgar as calças folgadas do rapaz, aparecendo as suas cuecas de bolinhas. Milo, por sua vez, estava na verdade tentando escapar do tuellai, mas eles se enosaram de uma forma tão firme e misturada que era difícil distinguir quais membros eram de quem.

O primeiro tuellai riscou o ar com sua cimitarra de voleio, mas Kitra pulou para trás, evitando o golpe. Aproveitou a baixa de guarda que veio em seguida para se aproximar dele. Num movimento rápido, acoplou um aro de algema no pulso que segurava a arma. Ao mesmo tempo, se chocou contra ele, derrubando-o no chão.

-Considera-te preso! – disse ela, meio que gemendo pelo baque.

Ele ficou temporariamente imobilizado, mas conseguiu levar a mão até um dos bolsos do hábito e retirar de lá um pequeno saco de tecido contendo um pó. Tentou jogar o pó no rosto da dríade, mas ela conhecia as poções dos feiticeiros apeliotes. Se aquilo lhe atingisse o rosto... adeus.

Assim, imobilizou o braço que segurava o saco, dando-lhe uma chave com o seu braço esquerdo.

O outro tuellai finalmente se livrou de Milo, fazendo um esforço tremendo para levantá-lo e jogá-lo longe. Tomou fôlego e se dirigiu para onde estava a ailandê e o feiticeiro. Também retirou um objeto do bolso, mas foi uma esfera verde brilhante, que cabia na palma da mão.

Kitra estava atarracada nas costas do seu opositor, tentando comprimir, com o cabo de sua cimitarra, o pulso do inimigo, para que esse soltasse a sua.

-Não conseguirás sair viva daqui, Kitra! – disse ele, com a voz sufocada.

-Se eu fosse tu, me preocupava mais comigo mesma! – respondeu ela. – Não percebeste o que havia naquela flecha, não é?

Foi somente então que ele se deu conta que estava enfraquecido. Não conseguia se libertar de sua imobilização, nem mesmo forçar a ailandê. É claro, a flecha estava embebida em algum tipo de poção.

-Maldita! – gritou ele.

Nesse momento, o outro tuellai erguia o braço para jogar a esfera sobre Kitra. Mas foi interrompido, pois Milo, num ato de coragem, lhe pulou nas costas e colocou uma das mãos sobre os seus olhos. Novamente, o tuellai tentou se livrar do sineiro, mas acabou rodopiando sobre si mesmo, com o rapaz firmemente grudado nas suas costas. Já havia uma multidão aglomerada em torno daquela batalha, sem saber se aquilo era para valer ou era mais uma exibição daqueles dançarinos de Olmea, que, vez ou outra, encenavam cenas de batalhas em plena praça, em troca de algumas moedas.

O tuellai rodopiante acabou caindo, evidentemente, sobre a mesma barraca de bacias e panelas que Milo quase destruiu no dia anterior. Bem, ele não sabia que o sineiro era atraído por – ou atraía – panelas e bacias.

Ao cair, ele soltou a esfera, que veio a rolar em direção norte até uns dois metros e explodiu, lançando uma quantidade razoável de pó em todas as direções. O pó não atingiu ninguém, mas alcançou uma árvore, que murchou imediatamente, curvando-se ao chão.

Finalmente, o primeiro tuellai já se encontrava paralisado pela poção. Kitra acabou de algemá-lo e se levantou. Olhou em volta e viu o outro tuellai se debatendo no chão, no meio de uma algazarra de panelas. Milo ainda estava firmemente agarrado nas suas costas. Ela sorriu e caminhou em direção dos dois, retirando outro par de algemas da cintura. Mas não teve mais trabalho algum, pois o dono da barraca, histérico por ter o seu negócio arruinado pela segunda vez, ergueu o tuellai e o sineiro do chão, e os fez inconscientes com uma meia dúzia de socos.

No fim da tarde, a ailandê conduziu os dois tuellais feiticeiros para o porto, algemados. Já não havia mais cheiro de outros, então Kitra concluíra que o lorde apeliotes que encontrara outro dia havia fugido.

Havia no porto uma embarcação élfica elegante e branca que, como a maioria dos barcos karnebianos, tinha o casco com o formato que lembrava uma folha alongada. Os tuellais foram levados por um destacamento de guerreiras élficas, mas antes gritaram os impropérios de sempre:

-Eu vou te pegar, Kitra! – disse um.

-Quando te encontrarmos de novo, tua morte será lenta! – exclamou o outro.

Mas ela já estava acostumada com aquilo. Era sempre assim quando capturava alguns criminosos.

Milo estava do seu lado, com uma toalha embebida em arnica enrolada na cabeça, mal deixando os olhos à mostra. Seu rosto estava inchado devido aos socos. Kitra olhou para ele e sorriu, dizendo:

-Sabias que fazemos uma bela dupla? Já pensaste em se tornar um ailandê?

-Aaaiiiii! – foi a resposta do sineiro.

Não, aquilo fora demais para ele. Ele mal esperava para se deitar novamente na sua cama confortável, sobre os seus três colchões, um empilhado em cima do outro, bem lá na torre de Marmórea, perto dos sinos.

E, de fato, dali a poucos dias, Kitra o acompanhou até a carroça que rumava para Lumerae. Milo se acomodou sobre a bagagem e acenou para ela, erguendo o braço e balançando os dedos.

-Espero que tenhas sucesso em entregar a mensagem! – disse ela.

-Espero que captures todos os tuellais!

-Bem, ainda faltam umas duas dezenas! – respondeu ela.

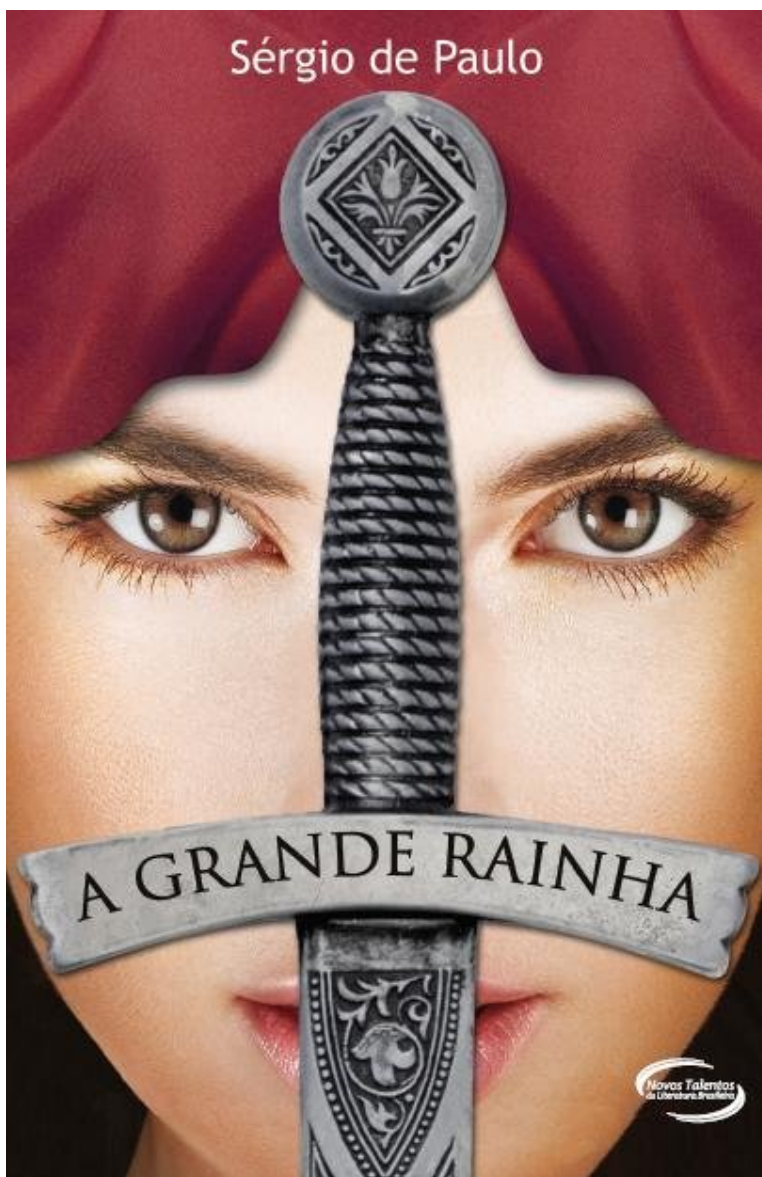
A carroça começou a se movimentar, enquanto Milo ficou olhando para ela com cara de choro. Ela também sentiu um aperto no coração, mas era dura. Limitou-se a repetir para si mesma, quando o veículo estava a certa distância:

-Tenha muitas belas aventuras, Milo, o sineiro!

Então, suspirou. Virou-se para o sul, de onde vinham tênues aromas fétidos de outros tuellais. Seria uma longa viagem em busca dos demais fugitivos da prisão de Sepitha. Tentou, assim, imaginar o que ainda a esperava. Mal sabia ela que não era apenas os perigos da profissão que a esperavam, mas que a vida nos coloca em situações as quais nem poderíamos sequer imaginar, desafiando-nos naquilo que somos mais fracos.

Já Milo não obteve sucesso em chegar rapidamente em Lumerae, pois viveu outras aventuras dignas de serem narradas. Mas estas... bem, estas são outras histórias.

Já nas melhores livrarias,  
o primeiro livro da Saga de Mitrax:



# A Grande Rainha